



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS – CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES – DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ÂNGELA ROBERTA CARNEIRO DE SOUSA

SUBJETIVIDADES NEOLIBERAIS NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO “LUXÚRIA”

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2021

ÂNGELA ROBERTA CARNEIRO DE SOUSA

SUBJETIVIDADES NEOLIBERAIS NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO “LUXÚRIA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Área de concentração: Análise do discurso literário

Orientador: Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo

CATOLÉ DO ROCHA – PB

2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S725s Sousa, Angela Roberta Carneiro de.
Subjetividades neoliberais no romance contemporâneo
"Luxúria" [manuscrito] / Angela Roberta Carneiro de Sousa. -
2021.
37 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Ciências Humanas e Agrárias, 2021.
"Orientação : Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo ,
Departamento de Letras e Humanidades - CCHA."
1. Neoliberalismo. 2. Subjetividades. 3. Literatura
Contemporânea. I. Título

21. ed. CDD B869.09

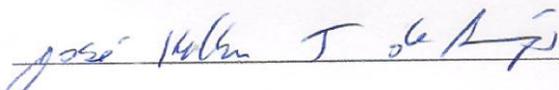
ÂNGELA ROBERTA CARNEIRO DE SOUSA

SUBJETIVIDADES NEOLIBERAIS NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO “LUXÚRIA”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – *Campus IV*, como requisito para obtenção do grau em Licenciatura Plena em Letras.

Aprovada em: 04 / 06 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Helber Tavares de Araújo (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auríbio Farias Conceição
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Fábio Pereira Figueiredo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Creio que para nos tornarmos perseverantes precisamos de um poder maior que nos sustente, este encontro em Deus. Posteriormente, necessitamos de pessoas as quais intensifiquem nossas forças. Assim, dedico esse trabalho, especialmente, à minha mãe, **Ângela Maria**, que me ensinou a buscar o Senhor diante as dificuldades, bem como à ela que agradeço pelos exemplos de força.

Entre meus agradecimentos também incluo a minha irmã ou maior companheira, **Ana Clara**. Agradeço às minhas tias, **Ana Maria e Maria de Fátima** (Didi), que me ajudaram a ver nos estudos inumeráveis possibilidades sem esquecer-me de que pela bondade e gentileza posso conquistar todos os meus objetivos.

Aos meus avós, **Maria do Socorro e Espedito** que cuidam de mim com todo o amor que lhes foi dado. Incluo também, minha avó **Luzinete**, exemplo de humildade.

Agradeço ao meu orientador, **José Helber**, por incentivar-me desde os primeiros passos acadêmicos. Em especial, agradeço à “**Fabão**” por honrar minha paixão pela literatura e motivar-me a ser cada vez mais crítica e à **Auríbio**, por mostrar-me o poder representativo dos textos poéticos.

Agradeço a **UEPB** que proporcionou tantas aprendizagens as quais me engrandeceram enquanto estudante e sujeito. Foi através do acolhimento da faculdade que pude conhecer e ser grata por pessoas incríveis como **Rafaela e Jeferson**, assim como professores benevolentes à profissão, cito **Jairo, Marta e Joana**. Ademais, pela instituição acadêmica, construí amizades inesquecíveis como as da **Casa Feijão** e de lugares longe, **Polina, Sofia, Tom e Chiara** com vocês guardo histórias extraordinárias.

Ao meu grupo de amigas, **PPB**, vocês são sinônimos de amizade e luta, sou grata à cada uma. Aos meus amigos, **Álvaro, Gustavo, Lucas e Brunno**, vocês contribuíram, imensuravelmente, para que eu pudesse resistir aos momentos de dúvidas. Também agradeço às mulheres incríveis que estiveram comigo em muitos desafios como **Larissa, Ivana e Beatriz** e, por fim, a **Daniel**, que torce e comemora comigo a conclusão dessa etapa acadêmica e as conquistas do futuro.

A todos que contribuíram para que eu fosse uma pessoa forte e uma profissional digna, obrigada.

“Nós somos a soma das nossas decisões” –
Woody Allen, em *Crimes e pecados*

RESUMO

Este trabalho possui como principal objetivo fazer uma análise interpretativa do romance “Luxúria”, de Fernando Bonassi, a partir de algumas chaves de leitura crítica da sociedade contemporânea. Para tanto, selecionamos como categoria a problematização das relações sociais que são moldadas pela lógica do empreendimento neoliberal. Abordamos como principais teóricos da crítica ao neoliberalismo pensadores como Dardot e Laval (2015); Negri e Hardat (2014), Safatle (2017) e Schøllhammer (2010). De acordo com esses autores, esse sistema não é apenas um programa econômico do capitalismo avançado, mas uma racionalidade que gera subjetividades, lógicas de ação e formas morais de julgar e sentir, tudo em consonância com uma filosofia de gestão administrativa e empresarial da vida. Pressupomos que, o romance de Bonassi retrata a situação de uma família de classe média brasileira que, regida por uma sociedade neoliberal, depara-se com a inadequação desta razão na prática cotidiana, sendo lesados pelas estruturas socioeconômicas e empacotados em cápsulas de sofrimento social através da dívida, alienação, despolitização e medo.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Subjetividades. Literatura Contemporânea.

ABSTRACT

This paper has as main objective to make an interpretative analysis of the novel *Luxúria*, by Fernando Bonassi, from some keys of critical reading of contemporary society. Therefore, we selected as a category the problematization of social relations that are shaped by the logic of the neoliberal enterprise. We approach thinkers such as Dardot and Laval (2015) as the main critics of neoliberalism; Negri and Hardat (2014), Safatle (2017) and Schøllhammer (2010). According to these authors, this system is not just an economic program of advanced capitalism, but a rationality that generates subjectivities, action logics and moral ways of judging and feeling, all in line with a philosophy of administrative and business management of life. We assume that Bonassi's novel portrays the situation of a Brazilian middle class family that, governed by a neoliberal society, is faced with the inadequacy of this reason in everyday practice, being harmed by socioeconomic structures and packaged in capsules of social suffering by debt, alienation, depoliticization and fear.

Keywords: Neoliberalism. Subjectivity. Contemporary Literature.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A ERA NEOLIBERAL E A IDENTIDADE CONTEMPORÂNEA	11
2.1 A concepção de neoliberalismo	11
2.2. Os perfis do sujeito neoliberal	13
2.3 O contexto neoliberal na classe média brasileira	16
3 LITERATURA, CONTEMPORANEIDADE E POLÍTICA	20
3.1 A face translúcida à literatura contemporânea	20
3.2. Romance contemporâneo como laboratório experimental de estéticas	23
3.3. A dimensão social da formação subjetiva atual	25
4 ANÁLISE DA OBRA “LUXÚRIA” DE FERNANDO BONASSI	28
4.1. O relato de uma sociedade danificada	29
4.2. Figuras neoliberais em <i>Luxúria</i>	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O neoliberalismo tornou-se mais que uma tese econômica. Transfigurou-se em um conjunto de procedimentos que coordenam as ações políticas, sociais e afetivas dos indivíduos. À vista disso, compreende-se que, com o Estado gerando novos dispositivos de controle através de uma filosofia de mercado, o sujeito histórico foi levado a comportamentos direcionados como: enquadrar-se à sistemática empreendedora, competitiva e autogovernante. Logo, argumentamos o caráter crítico da literatura contemporânea em denunciar problemáticas pertinentes, encontrando na obra *Lúxuria* (2015) de Fernando Bonassi uma óptica crítica à razão neoliberal e suas subjetividades.

Dessa forma, propomos uma leitura desse romance na perspectiva das diretrizes neoliberais como racionalidade a qual configurou os perfis dos sujeitos engajados à sociedade brasileira, objetivando uma compreensão analítica organizada em três tópicos que consideramos relevantes.

No primeiro momento, mapeamos os princípios e desígnios do neoliberal em conjunto com as identidades geradas e fortalecidas na classe média do país. Após, refletimos de que maneira, o texto literário, na contemporaneidade, busca estéticas e simbologias que espelhem as figuras características do neoliberalismo. Assim, contextualizamos historicamente o lugar em que situa o romance brasileiro no debate político das últimas décadas e na relação estética e representativa da literatura.

Posteriormente, analisamos como funcionam estes aspectos do mundo neoliberal na narrativa de Bonassi (2015) através da escolha do enredo e dos personagens com elementos ficcionais a serem observados no tocante aos impactos sociais de uma realidade brasileira de desestruturação subjetiva, como a financeirização da classe média, traumatiza materialmente e psicologicamente.

Por fim, ressaltamos que se trata de um estudo de cunho bibliográfico e, por isso, dissertamos a partir de pensadores da esfera econômica, social e literária como: Dardot e Laval (2015); Negri e Hardat (2014), Safatle (2017) e Schollhammer (2010) para organizar as linhas interpretativas entre o contexto neoliberal e o romance brasileiro contemporâneo, entendendo os arranjos de poder e as projeções sociais desenvolvidas por essa genealogia do neoliberal.

2 A ERA NEOLIBERAL E A IDENTIDADE CONTEMPORÂNEA

Objetivando entender a construção do sujeito contemporâneo e suas relações sociais mediante a lógica neoliberal no romance brasileiro da atualidade, neste capítulo traçamos uma série de diagnósticos e impactos dos processos econômicos na figura dos indivíduos do nosso tempo com intuito de buscar em seguida, pontos em comum com as personagens representadas na obra posta em análise.

Em primeiro momento, discutimos sobre a construção da racionalidade neoliberal e os aparelhos ideológicos do mercado. Posteriormente, refletimos sobre os moldes introduzidos a partir dos ideais sociopolíticos e econômicos dessa organização normativa e, por fim, situamos no contexto brasileiro o sujeito na condução das massas.

2.1 A concepção de neoliberalismo

Uma interpretação acerca do projeto do neoliberalismo enquanto sistema de interfaces do capitalismo moderno é debatida pelos pensadores franceses Pierre Dardot e Christian Laval. Ao escreverem *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal* (2015), estes estudiosos traçaram um diagnóstico do processo histórico ao qual configura os paradigmas das relações sociais e de gestão pública sob uma nova lógica econômica, ou seja, observaram a passagem de uma ideologia pautada na neutralidade do Estado perante a economia para a formação de uma racionalidade a partir de um Estado calculadamente gerenciador do mercado competitivo, sendo um coprodutor das normas de concorrência. Conforme os estudiosos referidos, “a racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT; LARVAL; 2015, p. 17).

Desse modo, é fundamental compreender que o neoliberalismo que já se anunciava no governo de Thatcher e Reagan, não compactua com a perspectiva de apenas um prolongamento ou reformulação contemporânea do liberalismo.

O principal slogan da ideologia liberal consiste na naturalização do capital e isenção do Estado no contexto de mercado, contudo o princípio político-ideológico do

*laissez-faire*¹ não garante a prosperidade nas transações financeiras, posto que, apesar do capitalismo manifestar poder de autofortalecimento “espontâneo”, as condições concorrenciais devem ser asseguradas por uma organização jurídico-institucional. Como argumenta Dardot e Laval (2015, p.70) “a ordem de mercado não é um dado da natureza, mas um produto artificial de uma história e de uma construção política”.

A “grande virada” para a metamorfose do liberalismo ocorreu, conforme os pensadores citados, mediante o Colóquio Walter Lippmann em 1938. Nesta conferência, abordou-se o aspecto do Estado enquanto favorecedor de discursos, práticas e dispositivos que estruturam as ações e relações humanas pautadas em uma ordem de competições e de governabilidade individual.

A criação da Sociedade Mont-Pèlerin, em 1947, é citada com frequência, e erroneamente, como o registro de nascimento do neoliberalismo. Na realidade, o momento fundador do neoliberalismo situa-se antes, no Colóquio Walter Lippmann, realizado durante cinco dias em Paris, a partir de 26 de agosto de 1938, no âmbito do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (antecessor da Unesco), na rue Montpensier, no centro de Paris. A reunião de Paris distingue-se pela qualidade de seus participantes, que, na maioria, marcaram a história do pensamento e da política liberal dos países ocidentais após a guerra, quer se trate de Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke, quer se trate de Alexander von Rüstow. (DARDOT; LARVAL; p. 71 2015)

Portanto, na esfera do neoliberalismo, considera-se objetivo estatal: delinear manobras que garantam um quadro mundial de disputa, bem como potencializar a formação de indivíduos que agem orientados à mercantilização e gestão do desempenho. Segundo análise realizada no âmbito educacional pelos professores Loh J e Hu G (2014, p. 14), “o papel do Estado é meramente garantir e maximizar as oportunidades de empreendedorismo, competição e intensificação do lucro nos setores econômico e público”². Logo, nessa pesquisa pontua-se, resumidamente, as estratégias para manutenção neoliberal, argumentando que as tais se encontram mediante políticas, sobretudo, inclusas na educação, primordial agente de desenvolvimento para geração de protótipos do capitalismo.

¹ Expressão francesa que significa “deixe fazer”, sendo utilizada para referir-se ao modelo político econômico de não-intervenção do Estado.

² Tradução autoral “The state’s role is merely to ensure and maximise opportunities for entrepreneurship, competition, and profit in the economic and public sectors”

Então, panoramicamente, o conceito e base do neoliberalismo está vinculado à duas “palavras-pilares”: concorrência e *entrepreneurship*³, termos utilizados pelos teóricos economistas acerca do homem de educação calculadora e autogovernante.

Dessa forma, o contexto ao qual o sujeito atual insere-se é demarcado por uma cultura socioeconômica predatória em que as ações são adeptas à lógica de mercado. Para sustentar essa reflexão, Dardot e Larval (2014) citam a expressão de Herbert Spencer: “Sobrevivência dos mais aptos” em *“Principles of biology”*. Apontando que a evolução humana foi direcionada a uma luta de sobrevivência daqueles mais capacitados ao progresso lucrativo e interativo com os mecanismos modernos, conseqüentemente, este sistema desenvolve subjetividades sociais fortes ao capital humano.

Desse entendimento, construiu-se o “homo oeconomicus”⁴. Sendo, o espelho neoliberal, o homem que se comporta de acordo com uma empresa, gerando investimentos com custos-benefícios para apresenta-se, em seguida, como o Eu sobrevivente à competição de mercado, lei implacável da vida vigente.

Em finalidade a racionalidade neoliberal percebemos sobretudo a teoria weberiana onde o espírito do capitalismo é capaz de sair do corpo da economia para se impor e compor um cosmo social fabricando, assim, novos personagens contemporâneos. Logo, é esta rede de relações sociais entre determinadas racionalidades, amparadas no modelo econômico que pautam a ação dos sujeitos, que verificamos o funcionamento dentro do escopo de um romance, a saber, *Luxúria*, de Fernando Bonassi,

2.2. Os perfis do sujeito neoliberal

Compreendendo as noções do Estado neoliberal na preservação da competição e na consistência de seres coordenados pela lógica empresarial mediante o governo de si mesmo, os estudos sociais buscam, portanto, legitimar o caráter antropológico desse sistema normativo, apresentando formas de existência construídas em decorrência a essa racionalidade.

³ Palavra de origem francesa (*entrepreneurialité*) e significa “empreendedorismo” apresenta-se, neste caso, como sinônimo segundo Dardot e Larval de autogoverno.

⁴ Em Michel Foucault, o *homo oeconomicus* refere-se ao homem motivado pelo uso exclusivo da racionalidade entrelaçada a geração de lucro.

Argumentamos no tópico acima (2.1) sobre as transfigurações do sujeito em sua identidade e em suas relações sociais impulsionadas pela conjuntura neoliberal. Posto isso, conforme compreensão de Zordan e Silva (2018) da coleção “*Mil plantôs – capitalismo e esquizofrenia*” (2001) de Deleuze e Guattari, esse contexto “ocorre de tal maneira que a economia política se torna uma educação para a economia subjetiva, a ponto de não haver separação entre os processos de subjetivação e formação psicossocial” (ZORDAN; SILVA; 2018, p. 3), ou seja, o quadro contemporâneo da economia política é denotado de um aspecto disciplinador e, conseqüentemente, formador de novas figuras que compõem a sociedade.

Desse modo, os filósofos Antonio Negri e Michael Hardat, também influenciados pela teoria de Deleuze e Guattari sobre a construção psicossocial fundida à ordem político-econômica, apresentam no livro “*Declaração: isso não é um manifesto*” (2014), quatro princípios de personalidade de sujeitos no neoliberalismo: o endividado, o mediatizado, o securitizado e o representado.

Conforme Negri e Hardat (2014), subsequente ao domínio das finanças e dos bancos, surge o endividado. Logo, a partir desta tese, é possível suscitar uma interpretação relacionada à arquitetura dessa figura tipológica.

Interligada ao mecanismo neoliberal que põe o Estado como fiador do sistema econômico através de contratos com bancos e empresas para a propagação, por exemplo, do “crédito fácil” à população, pode-se dizer que, impulsionado pelos programas financeiros ofertados e incentivados pela instituição estatal, assim como disciplinado a partir da ideologia do homem-empresa de si, esse sujeito, por conseguinte, apresenta como aspecto fundamental, a necessidade de adquirir investimentos para aplicações determinantes na sua vida social, garantindo a sua posição perante os demais, gerindo-se enquanto organização empresarial. Dessa maneira “a rede de segurança social passou de um sistema de *bem-estar social* para um de *endividamento*, pois os empréstimos se tornaram o principal meio de satisfazer as necessidades sociais” (NEGRI, A; MICHAEL, H, 2016, p. 22).

Assim, de acordo com o pensador italiano juntamente ao pensador estadunidense referido, a dívida torna-se uma condição inevitável e, posteriormente, controladora, uma vez que, com o endividamento assume-se uma responsabilidade de gestão para retorno

do financiamento. Embora o processo de aquisição monetária em instituições bancárias apresente amparo dos discursos e “seguros” políticos, quando o *feedback* não é lucrativo, o seguimento é responsabilidade da “má governança” do endividado. Logo, ele passa a ser avaliado nesta prestação de contas.

As decisões do endividado serão norteadas com a consciência de um déficit a ser pago. Negri e Hardat (2014) pontuam a dívida como opressora, haja vista que, ela monitoriza suas escolhas como forçar o sujeito a trabalhos árduos, cenário este que, constitui o desenvolvimento para a massa de trabalhadores precarizados, explorados pelo capital e servos do objetivo de tornarem proprietários de bens. Essa situação é observada no protagonista do romance que será analisado neste trabalho, posto que, ele está vestido, sobretudo, pela roupagem do homem endividado, assim como carrega a sua carga.

Por sua vez, em concordância ao pensamento de Negri e Hardat (2014, *apud* Deleuze, 1972-1990), o mediatizado é o sujeito gerado pelo do excesso quantitativo de informações que provoca a escassez na qualidade das expressões, posto que, conectado a um bombardeamento de anúncios, o homem torna-se “cansado demais” para formular um pensamento crítico apesar de sua integração ao sistema midiático, ele é empobrecido de pausas para reflexões das questões apontadas pelos televisores, *smartphones* e *tablets*.

Além do endividado e do mediatizado, duas outras personalidades se destacam na esfera pública da sociedade contemporânea. Segundo Negri e Hardat, “o regime de segurança e o estado generalizado de exceção construíram a figura oprimida pelo medo e sequiosa de proteção: o securitizado. E a corrupção da democracia forjou uma figura estranha, despolitizada: o representado” (NEGRI; HARDAT; 2014, p. 21).

Em uma sociedade brasileira com números exorbitantes de vítimas da violência social, com lastro histórico do uso da força como poder, a figura do securitizado parece ser um percurso quase natural da classe alta e média do Brasil. Basta ver o *boom* da lógica de condomínio no processo de expansão urbana na Era Lula. Por outro lado, ocorreu no país, durante o processo de redemocratização, uma forma imperfeita de noções de representatividade, afastando a população das relações com as figuras

políticas que elegem, estes atuando em uma distante Brasília. Logo, há uma tendência ao fomento do representado dentro do sistema político brasileiro.

Portanto, diante da produção dessas figuras subjetivas desenvolvidas no contexto neoliberal, percebemos uma intensificação dos aspectos de individualismo nas atuações de mercado. Isso acaba por refletir na concordância do homem aos meios de trabalho servil, bem como em crises de posicionamento, segurança e representatividade democrática. Logo, a utopia da civilização empresarial, contribuinte de um *bem-estar* coletivo, produz na realidade subjetividades problemáticas que são possivelmente localizadas de maneira muito ilustrativa na classe média brasileira.

2.3 O contexto neoliberal na classe média brasileira

Discutimos sobre as engrenagens que operam a racionalidade neoliberal, seus princípios constitucionais de governabilidade, tal como a formação de subjetividades contemporâneas submissas às relações de mercado e de política. Por fim, refletimos sobre como o capitalismo de Estado posiciona suas estratégias de controle às classes sociais, mais especificamente na sociedade brasileira, que apresenta condições desiguais de acesso às ferramentas de competição.

O filósofo Vladimir Safatle, em sua obra *“Só mais um esforço”* (2017), pontua que o neoliberalismo se constitui de uma doutrina economia sustentada por discursos morais ausentes dos paradigmas mínimos de solidariedade e, em contraposição, presentes de novas formas de sujeição moral, ou seja, percebemos a intensificação da competitividade neoliberal e, conseqüentemente, da teoria predatória dos mais aptos ao mercado⁵, assim como o desenvolvimento de imagens sociais inseridas em um contexto de sucateamento⁶.

Posto isto, o escritor argumenta que essa doutrinação neoliberal impõe noções as quais a coragem de empreendedorismo administrativo se torna uma virtude apesar dos riscos socioeconômicos e do ambiente brasileiro desfavorável. Em dissonância a este

⁵ Conforme leitura feita por Dardot e Larval da teoria de Spencer apresentada para sustentar a noção de competitividade neoliberal no tópico 2.1

⁶ Ideia abordada pelos pensadores Negri e Hardat no tópico 2.2

aspecto, a culpa do Estado perante situações negativas é minimizada e as negociações são centralizadas na responsabilidade do sujeito.

Essa questão abordada acima retrata, portanto, a problemática de que mesmo diante da disparidade de oportunidades no desempenho do indivíduo, há um forte incentivo ao consumo ante uma conjuntura nacional negativa. Em face à uma ausência de amparo público do país decorrente da carência de possibilidades igualitárias que sejam satisfatórias à política de riscos há, ironicamente, uma influência da mídia e dos programas estatais no estímulo do fetiche ao mérito por ostentação, bem como em justificar o fracasso do sujeito como uma má forma de autogovernar-se. De acordo com Safatle (2017, p. 26), “esse mantra levava os sujeitos a acreditar que, se eles fracassarem economicamente, seria por culpa absolutamente individual, por culpa da minha incapacidade de me reinventar”

Logo, o Estado de gestão neoliberal não busca a capacitação da base popular, mas o estímulo da capitalização por meio de programas de redistribuição da renda, aspecto que marcou o governo Lula. Em questões econômicas foram feitos projetos políticos que viabilizaram o poder de aquisição através da disponibilização de auxílios e empréstimos para que as classes desfavorecidas e marginalizadas tivessem direitos básicos garantidos, assim como movimentam a economia nacional bancária. Safatle (2017) organiza a política econômica no governo do PT como um tripé:

No campo econômico, consistiu na transformação do Estado em indutor de processos de ascensão através da consolidação de sistemas de proteção social, de aumento real do salário mínimo e de incentivo ao consumo (graças a políticas como a criação do crédito consignado e do Bolsa Família) [...] Na outra ponta do processo, o governo de Lula se autocompreendia como estimulador da reconstrução do empresariado nacional em seus desejos de globalização. Para tanto, a função de bancos públicos de investimentos como grandes financiadores de capital nacional (SAFATLE, 2017, p 83).

Contudo, em seu artigo, *Terra em transe: o fim do lulismo e o retorno de classes*, Ruy Braga (2016) pontua que tais programas públicos de redistribuição e legitimação de projetos sindicais criaram uma ilusão sedutora ao precariado brasileiro. Nesse devaneio, a massa de trabalhadores pobres direcionou-se ao consumo e à formação fragmentada de uma “classe média”.

Apesar das ações políticas apresentarem viés socialista, o pensamento social está ancorado na racionalidade neoliberal, uma vez que, este ideal é fomentado pelas outras instituições sociais, sendo a mídia, a mais consolidada na propagação da condição de *bem-estar* para a propaganda do estado de consumidor.

Anteriormente ao governo lulista, havia uma elite minoritária distante da camada popular, situação modificada a partir de 2003, com ações como, por exemplo, a abertura de possibilidades para empresariado, programas de industrialização, fortalecimento do Estado em setores de serviços, com concursos públicos e política salarial, outrossim a injeção de capital no comércio mediante os empréstimos e programas de transferência de renda, que permitiu um fortalecimento da cidadania das classes desfavorecidas.

Contudo, o escândalo de corrupção nacional provocou intensas manifestações com presença de grupos conservadores, amparados pela mídia. Estes sustentam um discurso sorrateiro em que os investimentos passados provocaram um descontrole na economia. Posto isto, a maior parcela desses manifestantes identificava-se como classe média brasileira de direita. Logo, “o modelo neoliberalista consolida sua força em governos de extrema direita, uma vez que, o domínio direitista na política consolida discursos midiáticos aos quais proferem valores elitistas e distópicos de reestruturação social” (SAFATLE, 2017, p.33).

Em palestra⁷ Marilena Chauí, professora da USP, entende a classe média brasileira como o conjunto de pessoas endividadas que possuem bens penhorados, mas nenhum patrimônio. Esse aspecto é, claramente, pontuado na obra “Luxúria” que narra as condições dessa massa popular referindo que “o carro não é exatamente deles, assim como as casas e os eletrodomésticos, mas os bancos do governo financiam a indústria particular” (BONASSI, 2015, p. 24). Chauí discute sobre como esse grupo social passou por um processo originado das políticas públicas de esquerda e tornou-se uma jovem classe trabalhadora que não possui uma propriedade privada dos meios de produção, entretanto, acredita estar atrelada a hierarquia produtiva do capital financeiro.

Assim, a classe média caracteriza-se pelo sonho de virar burguesia ou pela utopia de ter domínio elitista, classe que “comem mortadela e arrotam peito de peru” (BONASSI, 2015, p. 115). Influenciada pelos discursos de extrema direita, ela expõe a alienação de

⁷ Discurso disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7Rf5o3aHOI0>

ser pertencente a uma camada popular próspera, entretanto, na realidade, apresenta-se como enriquecedora do padrão, concordando, por exemplo, com políticas de austeridade como o projeto da reforma trabalhista.

Por consequência, governos baseados em meritocracia e individualismo demonstram-se como férteis para centralização do setor econômico, para manutenção da classe dominante, tal como para o esquecimento dos entraves históricos ainda enraizados.

No livro “*A elite do atraso da escravidão a lava-jato*” (2017), Jessé Souza, explorando essencialmente a classe média, aborda a reprodução da herança escravocrata na constituição da massa brasileira sendo algo erroneamente interpretado como uma “cultura” e, subsequente, como aspecto fixo e justificável para o contraste de acessos. Essa hereditariedade espelha a desigualdade na disputa socioeconômica, posto que há privilégio de promoção pela menor parcela da população ao capital econômico, uma vez que, o capital cultural, o qual relaciona-se diretamente ao conhecimento de prestígio, é monopolizado pela elite e o capital social sendo aquele que concentra relações pessoais vantajosas à competitividade, também observada na “aristocracia” desse país. Posto isto, Jessé critica a fragilidade democrática de acessos fundamentada como algo culturalmente estabelecido.

Por fim, percebemos que os programas que suscitaram a expansão do crédito foi uma estratégia para que os sujeitos atuassem na economia, no entanto, gerou-se uma classe social marcada por uma falsa ideia de posse da propriedade privada financeira e, posteriormente, influenciada pela ideologia de mercado neoliberal, essa classe introduziram um apoio a políticas ultraliberais para proteção da economia. É esta falsa ideia de ascensão social o principal tema do romance *Luxúria*, que iremos discutir em nossas análises.

3 LITERATURA, CONTEMPORANEIDADE E POLÍTICA

Nossa proposta tem como dimensão principal insistir no campo da problematização sociopolítica no romance contemporâneo brasileiro, tanto no que se refere à compreensão das estéticas e representações nas obras literárias que buscam organizar dentro da ficção os aspectos de uma realidade histórica, quanto naquilo que se entende como uma contemporaneidade intempestiva⁸ e, portanto, de difícil captura, difusa e fragmentada.

Então, partimos do seguinte corte temporal: só é possível compreender o que ocorre com as manifestações ou correntes literárias brasileiras dos dias atuais se pensarmos o significado da reconstrução democrática pós-golpe 64. Dando continuidade, comentamos características que marcam os elementos narrativos do romance dito pós-moderno, marcado pela ausência de modelos canônicos e vemos como a prosa nacional aponta, mediante suas representações, problemáticas sociais de cunho político no cenário do país, possibilitando visualizar em linhas gerais como os projetos elitistas de governança neoliberal manobram a classe média a ponto de, no extrato final do processo, evidenciar uma sociedade fraturada.

3.1 A face translúcida à literatura contemporânea

Derivando do princípio de que as manifestações artísticas interpretam e reinterpretam as realidades através do aspecto ficcional. As produções literárias, desenvolvidas sob essa sensibilidade, abordam elementos estéticos e ideológicos característicos de um momento cultural, com seus estilos e contextos circunscritos. Até o século XIX, esta relação se apresentava como uma produção literária que, salvo raras exceções, se limitava à concordância com um conjunto de ideias de uma determinada época, outrora, enquadradas em uma escola artística, analogicamente, também relacionada a um período histórico delimitado. Nos discursos literários explorava-se, nitidamente, uma familiaridade entre semelhanças na escrita idiossincrática e a ideia de

⁸ Após análise do texto “Considerações intempestivas”, de Nietzsche, o escritor Roland Barthes verifica o caráter intempestivo daquele que não identifica com o contemporâneo sintonizado (Schøllhammer, 2009).

espírito canônico, sabemos o início e o fim da prosa barroca, do parnasianismo ou do romantismo, por exemplo.

Contudo, na contemporaneidade, versos e prosas não continuam a evidenciar marcas explícitas, sejam elas de transição para o momento presente, de afinidade à outras literaturas, de tendência perceptível ou representação direta ao contexto.

A compreensão da totalidade histórica foi paulatinamente colocada em xeque ao longo de todo o século XX. Percebemos as vanguardas modernistas como os primeiros movimentos de ruptura com o modelo de arte clássica e ocidentalizada, mas nossa interpretação é de que, no Brasil, as portas para as manifestações na contemporaneidade se deram, senão através do suave e contínuo esgotamento das vanguardas, por uma força externa de desmantelamento da política cultural acometida com o golpe militar de 1964.

Assim, entre a literatura modernista, compromissada com um projeto nacional e de livre forma, e a literatura contemporânea, mais globalizada em seus temas de denúncia, há uma ditadura militar de censura e violência simbólica sobre a instituição literatura. À vista disso, desenvolve-se uma reflexão: por que não se estendeu uma quarta fase do modernismo? E, afinal, o que se sucedeu em nossa história literária? Esta pergunta não será amplamente respondida nas linhas que se seguem esse trabalho, entretanto, ela constará como uma seta orientadora para compreender os aspectos que formam o estilo ficcional atualmente. Posto que, esse fato histórico intervém na sociedade civil e, em consequência, transfiguraram-se as motivações da escrita literária.

Voltando ao tema: com o movimento vanguardista em 1922 houve um pioneiro redirecionamento dos escritores brasileiros. A semana de Arte Moderna propôs uma identidade inovadora, assim como uma autenticidade nacional. Dela, foram se completando o processo de transformação literária com os romances sociais de 30 e as interposições dialógicas dos ficcionistas de 45 que deram continuidade a um desenvolvimento de pilares históricos os quais consolidaram uma literatura nacional. Posteriormente, o segundo redirecionamento ocorreu com o autoritarismo militar de 64, o “desmantelamento” da esfera pública e daquilo que vinha se consolidando como modernismo brasileiro e o processo de redemocratização que desenvolveu uma abertura ao mercado estrangeiro através de uma política de defesa da indústria cultural, tomando-

se como urgência apresentar na literatura o caráter denunciativo perante a conjuntura histórica.

Em “*Itinerário político do romance pós – 64: A festa*” (1998), trabalho de Renato Franco, o romance do período da ditadura é marcado por uma tentativa de aproximação da análise política como natureza social do romance, sendo norteadas sobre uma estética fragmentada e com graus de subjetividade. Os escritores, segundo Franco (1998), após um primeiro momento de romances politizados e cheios de denúncia da violência militar, despertaram um impulso em racionalizar nas narrativas a penetração da indústria cultural no cotidiano da classe média brasileira à proporção em que estuda o comportamento dos personagens diante esse âmbito.

Temos assim um seguinte cenário: a tendência do romance em dialogar com o seu presente através de temas de politização e denúncia dentro de um estado de exceção, censurado e violento, vai paulatinamente cedendo espaço para um romance que começa a prestar mais atenção nas relações sociais urbanas do que na política ou naquilo que ficou para trás do modernismo (LÍSIAS, 2010). Se o caminho do gênero romanesco percorreu este caminho devido o contexto de redemocratização sem revisão dos atos ditatoriais, de anistia dupla e retomada branda da política, exigiria uma pesquisa maior e uma observação mais acurada sobre o tema.

Seja como for, o cenário realista do romance contemporâneo na redemocratização caminhou em paralelo com a teorização de uma estética pós-moderna: aspectos introspectivos, de identidade plástica e observação social de um ponto de vista individual. Logo, a representação social migrou de uma descrição do contexto marginal ou do regionalismo para uma experiência subjetiva, não ignorando a influência das instituições e dos acontecimentos exteriores, mas o aspecto estético de ruptura modernista ou o aspecto político de engajamento social já não reverberam mais neste romance já dito contemporâneo nos anos 80/90. “O que surgiu foi a recriação ficcional da chamada violência urbana, uma espécie de assombração das classes médias e um problema real para as classes baixas” (LÍSIAS, 2010, p. 322).

Erik Schøllhammer propõe em seu livro “*Ficção brasileira contemporânea*” (2009), analisar autores e suas obras respectivas com o viés de cartógrafo da literatura pós-moderna. O professor observa que, “os anos 70 se impõem sobre os escritores com a

demanda de encontrar uma expressão estética que pudesse responder à situação política e social do regime autoritário” (SCHØLLHAMMER, p. 22, 2009) com força ética de transformação. Ademais, ele pontua que o sujeito do romance assumiu uma personificação de “fantoche”, diferentemente do naturalismo⁹, com postura de testemunha das denúncias sórdidas ao mercado, à indústria midiática e à banalidade. Em conformidade ao seu pensamento, as novas formas representativas se atrelam ao compromisso de testemunhar e relatar dentro de uma cultura predominante midiática.

Por conseguinte, entendemos assim que a literatura contemporânea ausente de traços cristalizados e homogêneos, orientada apenas pelo imediatismo em “confessar”, os mecanismos político-econômicos na formação de personagens, acaba por se aproximar da consonância com o contexto de uma sociedade que se molda sob a racionalidade neoliberal. *Luxúria* é um romance que aproveita este contexto literário para coadunar as relações históricas com as subjetividades produzidas no tempo do contemporâneo, em uma estética que ao mesmo tempo retrata e denuncia.

3.2. Romance Contemporâneo como Laboratório Experimental de Estéticas

Pressupondo que a tendência literária ultrapassou uma divisa inesperada durante o domínio ditatorial, o literato brasileiro, pôs-se em uma nova busca estilística. A prosa pós ditadura, como expressamos no tópico acima, trafega por uma crise de identidade multifacetada. Desse modo, na esfera contemporânea, os escritores encontram-se inseridos em um laboratório experimental de estéticas com grande intensidade e variedade. No entanto, pelos mecanismos modernos que a cercam, ela assume influências principais como: a escrita instantânea, fragmentada e híbrida.

Trabalhando como exemplo, o romancista responsável pelo objeto de estudo dessa pesquisa, certificamos a condução por essas linhas estéticas na estrutura do discurso literário que, por sua vez, encontra na brevidade do enredo um espelho da desordem, velocidade e superficialidade. Conforme Schøllhammer (2009, p. 59), “percebemos a continuidade de uma prosa direta e pungente, sem rodeios nem floreios,

⁹ Corrente literária onde o personagem era moldado pelo contexto externo, sendo fruto do ambiente.

abordando temas convulsivos e procurando extrair deles sua máxima força, como é o caso de Fernando Bonassi [...]”.

Em *Luxúria* (2015), possivelmente, para refletir sobre essa aceleração das ações na contemporaneidade, verificamos no livro: capítulos curtos, com a presença de discurso indireto livre e “quebras” de enredo, desempenhadas na introdução de reportagens, relatos memorialísticos ou histórias paralelas aos personagens durante a narrativa. Outra estratégia perceptível para expressar as consequências desse imediatismo contemporâneo, está em passagens onde o narrador traz a imagem de um relógio irônico, rápido quando é preciso de tempo e lento quando precisa de pressa, provocando náuseas nos personagens e atitudes abruptas, mesmo na decisão primordial do enredo o protagonista fala: “parece bom negócio, mas não dá tempo de ler” (BONASSI, 2015, p. 65).

Desse modo, compreendemos que Bonassi adota uma estrutura de representação do que é um mundo dito pós-moderno de flexibilização neoliberal, no qual reflete a consumação frenética, visto que, o leitor imerge em um cotidiano onde a essência está na dinamização do tempo e disposição, questionando – “Onde está esse tempo livre? O que fazem dele?” (BONASSI, 2015, p. 74).

Podemos mencionar uma urgência em relatar o presente. Schøllhammer (2009) pontua com propriedade esses aspectos quando dialoga sobre a preferência pela miniaturização da sociedade sendo guiada pela comunicação via Internet apropriada pelo realismo midiático, tal como pela busca de estilos enfáticos e fugazes na delação de problemáticas.

Apesar da estratégia adotada por Bonassi ser, semelhantemente, explorada por outros escritores, sua preocupação também é que seu romance apresente legitimidade contra os modelos canônicos. Dalcastagnè, em seu artigo “*Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais*” (2021), discute sobre a presença de novas abordagens e enquadramentos na literatura que, por conseguinte, provoca um jogo de forças de temáticas e estilos, embora há uma concentração de autores brasileiros com literaturas difundidas no meio social.

Logo, como afirma Candido (2008), a arte realiza-se por um processo de comunicação inter-humana mediante um sistema simbólico para uma prática social

engajada. Portanto, interpretamos nesse tópico que, a maneira estilística a qual o escritor contemporâneo opta, singulariza-o e permite-o uma criticidade na interação com a produção textual, haja vista que, a orquestração da prosa literária, primeiro aspecto visualizado na obra, reflete uma particularidade poética e uma interpretação do contexto vigente.

3.3. A dimensão social da formação subjetiva atual

Dando continuidade aos tópicos anteriores, a literatura em seu interesse social detém e simboliza uma realidade. Pensemos mais propriamente no que ocorre sob alguns aspectos em vários romances dos anos 2000. No ensaio *A ética da ficção* (2017), Cristovão Tezza explica que o mundo se revela pelo escritor por um ato fiel de representação que cultiva sua importância no sentido extraído nas hipóteses de existência. Ademais, essa noção é dialogada, apesar que em uma perspectiva diferente, por Julián Fuks em “*A era da pós- ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo*” (2017), o pensador discute que as obras com seus variados conflitos apresentam um autor solúvel em seus próprios personagens.

Assim, concordante com Tezza (2017), a diligência em transparecer na escrita problemáticas que assumem o teor de representatividade, entende-se como certo fundamentalismo literário, subsequentemente, a literatura observa-se também entrelaçada ao objetivo de testemunho argumentativo do âmbito que cerca as imagens significativas do romance, como aborda Fuks (2017). Ambas noções se encontram em compasso na declaração da verdade através das construções poéticas.

Compreendemos que há um desenvolvimento para leitura de textos gradativamente indissociáveis dos aspectos exteriores e introspectivos do sujeito, este anexado as experiências instruídas pelos dispositivos¹⁰ do contexto e das instituições que o cercam. Posteriormente, no estudo, “*Subjetividade em tempos de pós-verdade*” (2017), de Christian Dunker, percebemos um diálogo sobre a segunda onda do pós-modernismo com a concepção de identidades flexíveis, da retomada política nas ciências humanas,

¹⁰ Seguindo nossa lógica, esses dispositivos são referentes à racionalidade neoliberal.

do pensar cotidiano alinhado ao neoliberalismo mitigado e da figuração do sujeito em estado de ameaça e de exceção com certa polifonia de vozes.

Por conseguinte, observamos nesse artigo, que a escrita, com sua autoridade em representar um campo histórico e cultural, propõe intervir na sociedade mediante a estratégia de duplicação da realidade pela ficção. Esta veracidade que se demonstra coesa nas articulações concorrenciais as quais unem os indivíduos que estão engrenados à classe média brasileira e que estão interiorizados por desejos e contrariedades do cotidiano de uma sociedade regida pela lógica neoliberal, vira discurso sem realidade, mas que impele à ação. É sob estas condições de contexto que os personagens de *Luxúria* se movem. Entre esta formação subjetiva e os acontecimentos históricos.

Vimos que os avanços econômicos e sociais desenvolvidos na gestão de Lula permitiram que o trabalhador progredisse no poder aquisitivo, na prestação de serviços e posse de infraestruturas. A acepção do empreendedorismo com dinamismo de classes tornou-se algo latente na sociedade brasileira. Logo, condicionado por essas políticas, o tipo de inclusão escolhido germinou o protótipo de indivíduo empresarial, debatido anteriormente no capítulo 1.

Conforme Petead e Cruz (2021), a legitimação dos trabalhadores informais pela efetivação do Microempreendedor Individual (MEI) apresenta-se como um exemplo da perspectiva neoliberal no governo lulista que metamorfoseou o personagem fordista em gerenciador de negócios. Dessa forma, as narrativas contemporâneas vão inserir esses sujeitos, caracterizados por valores morais e patologias modernas, em seus enredos, explorando o cenário sociocultural e político-econômico com a tentativa de representar criticamente a esfera neoliberalista planeada.

Posto isto, é fundamental traçar uma linha de pensamento para dar seguimento às argumentações analíticas do romance "*Lúxuria*". Pensar o neoliberalismo com suas faces e como seus engenhos influenciam na textura dos personagens conduzidos pelos princípios do Estado como agente coprodutor de subjetividades, guia-nos para uma reflexão de como a literatura contemporânea, agora com suas "novas inquietações" interligadas à estéticas significativas, encontra na classe média brasileira o contexto favorável para percepção dos "solavancos" produzidos pelo governo no método de

manutenção do mercado interno por meio da capitalização da classe a qual sobrançeria a ideologia de progresso nacional provocando, como exemplo, a consumação de bens. É o que veremos textualmente em nosso trabalho a partir de agora.

4 ANÁLISE DA OBRA "LUXÚRIA" DE FERNANDO BONASSI

Luxúria na tradição católica configura-se como o desejo incessante e, ambigualmente, fugaz; no domínio neoliberal equivale ao hedonismo do consumo, uma vez que a sistemática contemporânea envolve o dever de gozar das competências humanas no desempenho concorrencial. Dardot e Larval (2015) expõe como advertência o verso musical “*No time for losers*”¹¹, sendo o perdedor, o homem comum que não apresenta o desempenho e o gozo máximo das suas faculdades sociais, em contrapartida, aqueles que descartam uma possível aceitação, são vitoriosos. Logo, a nomeação por Fernando Bonassi para sua obra relaciona-se intimamente à racionalidade neoliberal de subjetivação pelo excesso no cosmo capital, ele narra que “problema mesmo é que ninguém mais quer ser ou parecer comum. Ainda que seja o destino certo e, de certa forma, a prova da vitória dos seres dessa espécie: estes são aqueles que sobreviveram entre milhões de outros iguais em direitos” (BONASSI, 2015, p. 11).

Esse pecado capital que antes condenava, no “sermão da prosperidade”, ministrado pela instituição cristã do romance trabalhado, é perdoado e inclinado à prática. Vemos no pastor jovem, personagem do enredo, a pregação pela prosperidade a partir da materialização, alegando que o Senhor está ao lado daquele que triunfa e oferta ganhos monetários.

Nós estamos certos de que obteremos muito mais do que eles sonharam possuir! Por isso eu vos convido a mostrar o valor e a qualidade da aliança que têm com o Senhor. Dinheiro, sim! [...] O dinheiro no alto, por favor! Tu, eleve as tuas notas! São oferendas ao Senhor, irmã! Mais e mais! O mais cheias e perto de Deus que as suas mãos puderem alcançar! Levantem o dinheiro em louvação! Acima da cabeça e além do coração! (BONASSI, 2015, p. 112).

Ademais, é indissociável relacionar “Luxúria” aos prazeres carnis atrelando júbilos aos bens conquistados. Como exemplos, temos os “pequenos apostadores excitados” da escola, assim como o homem e a mulher do enredo que ao lembrar a aquisição do projeto da área de lazer sentem tesão. Isso é salientado através de

¹¹ Tradução: “Não há tempo para perdedores”.

passagens como: “*Uma piscina é?* Ela relembra a conversa do carro, sacolejando as nádegas e os peitos na cara do marido” (BONASSI, 2015, p. 26).

Desse modo, no capítulo final da monografia, encadeamos as teorias neoliberais referenciadas ao romance contemporâneo brasileiro estudado, com finalidade de refletir criticamente sobre as subjetividades que compõem certo arquipélago de figuras sociais e tendências literárias.

4.1. O relato de uma sociedade danificada

O escritor inicia a narrativa descrevendo a conjuntura brasileira como “um momento histórico de prosperidade num país acostumado a viver na merda [...] Nunca tantos puderam tão pouco” (BONASSI, 2015, p. 9). Em simultaneidade, ele discorre acerca da falta de planejamento urbano e das questões ambientais conflituosas com as engenharias industriais precárias.

No romance discute que o tempo era de possibilidades, entretanto, são abordados problemas de segurança, justiça, desigualdade na distribuição de verba, disparidade de renda e má gestão desde os setores privados ao sistema educacional público, entre outros. Portanto, descreve-se que “o país próspero como nunca esteve antes, trabalha bastante e de cabeça baixa, não precisa enxergar o que se passa” (BONASSI, 2015, p. 211).

Diante desse cenário, o narrador aconselha que “o melhor é nem pensar”¹² e na dúvida, trabalhar aceleradamente para conseguir o privilégio “[...] dos passageiros de helicóptero, que têm o dinheiro necessário para passar por cima destes problemas comuns” (BONASSI, 2015, p. 11). O destinatário enunciativo é, constantemente, incentivado à sua passivação perante as injustiças, bem como conduzido ao trabalho intolerável. Observamos um prolongamento desse argumento nos diálogos com reclamações ou hostilidades. Quando proferidos pelos personagens de baixa hierarquia, há uma reversão ou correção no dizer. Em contraposição, aqueles de posição superior não se preocupam com os insultos contidos nas suas falas.

¹² “O melhor é nem pensar” apresenta-se como uma fala repetitiva dentro da narrativa.

Cavar cada vez mais! Cavar sem parar!
Velho pedófilo escroto!
Explorador filho da puta!
O que disseram, meninos?
Ele pergunta ao senhor mestre: o que estamos aprendendo neste momento?
Aquilo em que a escravidão se tornou.
O trabalho duro e honesto?
Sim, senhores;
Então é isso...
Ademais eu os escravizo melhor porque os conheço bem. Trabalhando comigo são menos infelizes.
Obrigado, senhor.
Cavem, palhaços!
Sim, senhor.
Cafezinho?
Só para mim, senhora. (BONASSI, 2015, p. 255)

Posteriormente, o homem de que se trata o relato¹³ introduz a narrativa queixando da saúde e do senso de superioridade pelos certificados expostos nas paredes do consultório odontológico. O ambiente faz com que ele se sinta “envenenado e oprimido”, causando agravamento de seus sintomas patológicos desenvolvidos após a insatisfação do ego ao comparar-se com o dentista, esse acontecimento provoca-o. Por conseguinte, para rebaixar a ideia de grandeza dada ao cirurgião diplomado, o personagem decide anunciar que irá construir uma piscina no quintal, pondo o poder intelectual *versus* o poder aquisitivo e gerando, a partir desse embate, a adversidade principal da história. “Importante é que o homem de que trata este relato tinha decidido pagar para ver quem eram ele, a mulher e o menino filho deles [...]” (BONASSI, 2015, p.139). A competitividade, a frustração com as condições materiais, a busca por status social são os principais pontos que emergem juntos com a decisão da construção da piscina.

¹³ Os personagens são geralmente citados de acordo com seu papel social diante da situação como: “o homem deste relato”, “o homem, o operário”, “o menino, filho do homem desse relato/ de cujo pai trata este relato” e “a mulher, esposa do homem desse relato”.

Os sujeitos da narrativa encontram no desenvolvimento de políticas econômicas progressivas, como o crédito fácil, amparo para diligenciar a ciência dos riscos, estimulada pela razão neoliberal, uma vez que, “até o final do seu último governo autoritário, este povo não tinha direito nem ao carro nacional popular, não havia industrialização e não se financiavam veículos importados novos” (BONASSI, 2015, p. 35). Atuar no empreendimento da piscina e regozijar-se da ilusão de controle e posse de bens, foram oportunidades garantidas com o prosseguimento do Estado para intensificar o poder aquisitivo da classe popular e dinamizar a economia do país. Ao mesmo tempo, há aqui uma “financeirização” da classe média através da política do consignado.

Logo na compra da piscina, a mulher e o homem sofrem um bombardeamento de publicidades e informações em setores coesos para consumo, bem como para o pagamento. Isso é enfatizado no vendedor pela abordagem no seu discurso de que “piscina neste país é questão de saúde pública” (BONASSI, 2015, p. 66) e convence-os que a família não estaria assumindo um gasto, mas um investimento, posto que, seria a garantia do direito de *bem-estar* social apesar da prestação não caber no salário do trabalhador. Eles confiam, pois “o governo apoiava com juros subsidiados a reforma de imóveis populares. Era lei” (BONASSI, 2015, p. 70), e dessa maneira, é posto o projeto como reforma da rede elétrica e hidráulica da moradia. Endividamento como bem estar social.

O enredo prossegue com o desenrolar de acontecimentos para construção da piscina, assim como para representação de uma classe social em seu cotidiano adverso à prosperidade nacional, outrossim, manobrada pela indústria cultural que camufla discursos dominantes por meio de programas de entretenimento e violenta exibição de noticiários.

O primeiro obstáculo para execução do empreendimento está em livrar-se do cachorro, Thor¹⁴, que apesar de ser um animal sem funções produtivas, é o símbolo de domesticação do homem e companheiro do menino. Esse desafio é assumido pelo homem, “ele, dono da situação, é quem vai ter que providenciar e dar sustento ao que quer que seja feito...” (BONASSI, 2015, p. 85). Em continuidade, são apresentadas dificuldades no direcionamento do arquiteto diante o terreno desnivelado, no transporte

¹⁴ Único personagem com nome, porém chamado dessa forma pelo menino, o filho.

de materiais pelas vias tráfegas do bairro, uma vez que, não há meios para livre-circulação da carreta com a retroescavadeira ou com materiais de menor porte; pela inveja dos vizinhos; pelas advertências dadas como abandono de serviço, fosse por problemas de saúde da família ou outras questões pessoais, registros de atrasos e falsos motivos que ocasionaram em demissão do proprietário do imóvel; na mão-de-obra barata; no solo imundo necessitado de saneamento básico; infiltração; e por fim, o próprio endividamento pela taxa de juros elevada, a inviabilização de descontos e multa pelo poder judiciário.

Transcorre-se a narrativa com a constante chegada de faturas, notas fiscais, duplicatas, promissórias e boletos bancários na casa do homem deste relato. Concomitantemente, na fábrica, ele, o ferramenteiro de avental cinzento, é convocado para aconselhar o engenheiro-chefe na compra de uma máquina controlada por um computador, concordando, alienadamente, com a intervenção das ferramentas automotivas e, conseqüentemente, séries de demissões e ameaças. No bairro, repercutem os discursos de ódio. Enfim, uma série de fatores que motivaram o “[...] estilo um tanto frio e racional de se desincumbir das obrigações, é, paradoxalmente, o que contribuirá para a infinita tristeza do desfecho desse relato” (BONASSI, 2015, p. 354).

Em um dos capítulos do livro, a mulher depara-se com as malas compradas para a viagem do casamento, todavia no encontro do objeto, seu sentimento é de asfixia. As bagagens “pareciam mais um veículo de carga do que o símbolo de uma esperança que nunca se cumpre, mas alimenta a imaginação” (BONASSI, 2015, p. 312). A partir dessa leitura, interpretamos que a simbologia da mala se refere à expectativa da família para o percurso de novos caminhos que foram interrompidos no contexto histórico. “Este relato é, em parte, o fim desta ilusão de permanência e previsibilidade – por linhas tortas, é bom que se entenda” (BONASSI, 2015, p. 34).

Outrossim, salientamos que o romance não é linear e, à vista disso, há tramas paralelas que ironizam a ideologia de progresso contemporâneo no âmbito nacional. Temos a condição da diarista, moradora de periferia, que sofre abusos do marido; a sistematização na indústria desempenhada por homens-máquinas sem especializações acadêmicas, “como se os braços do homem fossem uma siderúrgica inteira” (BONASSI, 2015, p. 133); a precariedade no serviço médico, essencialmente, em clínicas de

convênio que garantem o recebimento de comissão; o tráfego sempre engarrafado; a corrupção e ausência do sistema de segurança.

Pontuamos ainda os cenários que situam os sujeitos elementares da história: a localidade de arquitetura da piscina, o espaço de “ganha pão” do homem e do menino desse romance, respectivamente.

O “Bairro Novo” é um local de péssimas condições geográficas e de pouco investimento, mas com o slogan “vida nova”, apresentado como parte verídica, uma vez que, o país sinalizava melhores moradias através dos programas públicos.

A fábrica a qual trabalha o homem do relato é instalada no Distrito Industrial. O narrador delinea esse ambiente com perpetuadas divisões hierárquicas entre a linha de produção e a área administrativa que adota modelo alemão de roupa e cores, – “no chão da fábrica, o ajudante-geral, de macacão cinza [...] acima dele, de macacão azul-escuro, os operadores de máquina semiautomáticas [...] os engenheiros projetistas usam avental branco com gola vermelha [...]” (BONASSI, 2015, p. 36) aos terceirizados era dado um uniforme de influência militar – bem como, deficiências na organização sindical e na competição, quase animalesca, entre os funcionários. Isso permite-nos observar a precariedade nos direitos e nas condições trabalhistas. Nesse cenário é também verificado a intervenção parcial do governo na cooperação privada, “naquela empresa a comida é de graça, ou quase isso, já que as refeições são em parte, subsidiadas pelo governo, através de um conjunto de leis de proteção à pobreza. *Ajudam a indústria nacional e os trabalhadores com comida barata*” (BONASSI, 2015, p. 101).

Por sua vez, o local de renda do seu filho é no banheiro da escola, onde o gerenciamento financeiro é através da negociação de apostas com ações prejudiciais aceitas por aqueles que com o menor espírito empreendedor.

Muitos alunos ganham a vida apresentando-se aos colegas que ali se refugiam para matar aulas. Por uma nota de dois é possível assistir alguém a comer um bastão de cola, beber a tinta de sua caneta ou cheirar, de perto, um papel higiênico do cesto. A proeza de enfiar meio lápis inteiro, dez. Mexer um músculo estranho, dois; girar os braços ao contrário, de mãos dadas, cinco. Por sete, mete-se a mão na privada entupida. Por dez, toma-se um choque de 220 volts. Por uma de vinte, se arranca sangue; por duas de cinquenta é capaz de alguém dar um tiro no pé...” (BONASSI, 2015, p. 30).

Desse modo, pressupomos que o romancista traça essas três principais organizações sociais (família, escola e trabalho) para argumentar que as relações humanas são reguladas, em seus determinados ambientes, pela racionalidade neoliberal. Assim, retornamos à tese dos pensadores Dardot e Pierre (2009, p. 325) de que “todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento à um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal”.

4.2. Figuras neoliberais em *Luxúria*

Recuperando as definições dos arquétipos do neoliberalismo abordados por Negri e Hardt (2014) – endividado, mediatizado, securitizado e representado – para uma melhor compreensão das ações e motivações dos personagens de *Luxúria*, podemos estabelecer algumas relações que se enquadram à teoria. Ao tracejar personalidades no romance que representam os principais perfis subjetivos do neoliberalismo, compreendemos que a nova razão sociopolítica e ideológica¹⁵ configura a natureza do indivíduo aos mecanismos do capitalismo de Estado e das noções de autogoverno.

Desse modo, apresentam-se figuras solúveis aos princípios de empreendimento que, por exemplo, são garantidos pela concorrência e pela gestão de riscos marcada por consequências inevitáveis.

Os impasses fundamentais da narrativa são decorrentes do desejo de potencializar a delegação do sujeito empresarial, calculador e competitivo. No livro, todas as esferas sociais tentam articular-se para conquista financeira ou de bens.

O homem de que se trata esse relato, também busca aspiração por grandiosidade. Contudo, a ferramenta ofertada é, no caso do romance, o subsídio autorizado e fiscalizado pelo governo que se torna uma estratégia contratual falha pela baixa renda do personagem para o pagamento do déficit, bem como pelo seu histórico devedor.

NESTA ERA DE oportunidades e desafios do crescimento, de desenvolvimento e endividamento, as cartas disparadas contra o homem, o cidadão de que se trata este relato, lhe dizem de diversas maneiras, à vista ou a prazo, que ele pode

¹⁵ Constatada no primeiro capítulo dessa pesquisa, assinalamos a racionalidade neoliberal.

beber com moderação, o que ele precisa comer com prazer, mas devagar, para não se lambuzar; o que ele deve mastigar bem para engolir; que deve morar melhor do que antes e do que os outros, ter moral elevado, inveja contrutiva, um defeito verdadeiro, algo do que se orgulhe e uma religião conhecida pelo Estado (BONASSI, 2015, p. 137).

Observamos o endividado como sujeito mais atenuante da prosa, haja vista que, os conflitos marcantes do enredo são desenvolvidos pela aquisição de uma dívida que controla e que desestabiliza o cotidiano do trabalhador. Por conseguinte, há uma teia de responsabilidades as quais precisam ser assumidas com o empréstimo financiado.

O personagem, constitucionalmente, torna-se submisso ao programa de financeirização, aceitando condições precárias de trabalho devido ao compromisso que desempenha com a dívida, esta que cresce através dos juros. Posto isto, ele compara-se com Sísifo, metaforizando o esquema de endividamento como sua pedra.

Essas figuras subjetivas dispostas na classe média brasileira, assim como outras abordadas pelo romance, transformam-se como inaptas à ideia de concorrência, compondo a base na cadeia de empreendedorismo contemporâneo. Logo, o exercício do autogoverno de si, proposto pelo neoliberalismo é então, pela ótica desta racionalidade, mal processado em grupos populares.

Posteriormente, o perfil do midiaticado é representado no filho do homem, pelo excesso de interação com a indústria cultural engrenada na subsistência neoliberalista. Esse personagem sofre de falhas na formação linguística e dificuldades no desenvolvimento de diálogos.

*É apenas excesso de veículos, segundo o menino ouve do rádio, nos fones de ouvido, e repete.
Você ouviu o que seu pai disse? A mãe quer saber, por uma questão de respeito. O menino faz que sim com a cabeça, mas é mentira, o volume está no máximo. Não dá para ouvir nada além das notícias de tráfego.
São duzentos e setenta e nove quilômetros de congestionamento. (BONASSI, 2015, p. 86)*

Adiante, o Estado, seguindo a política neoliberal, governa infiltrando uma dinâmica vigilante com inspeções, mapeamento de câmeras, solicitações de documento, auxílio da mídia para reportagens, espaço para depoimentos, entre outras ações, que realizam a manutenção dentro da indústria e da vida privada. Assim, traça-se o securitizado,

amedrontado pelos olhares subjetivos e incentivado à observação constante, “todos estão com um medo dos infernos e curiosos como o diabo” (BONASSI, 2015, p. 122).

Ademais, há o desenvolvimento de figuras psicopatológicas contemporâneas que são diagnosticadas por fatores subjetivos conduzidos pelos princípios fundamentais do neoliberalismo. Supostamente, o homem, possui crises de ansiedade; o menino, que frequentemente se mantém ocioso e isolado, demonstra crises de pânico ou delírios intensos característicos da esquizofrenia; e a mãe, dependente de antidepressivos.

Portanto, a racionalidade neoliberal com o aspecto de reorganização do cosmo político e capital, desdobrou uma certa política de subjetivação a qual, intimamente, mantém concordância com o marco de símbolos culturais que afetam o sujeito em sua percepção e nas construções de identidades problemáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemos refletir sobre como a prosa literária brasileira, com suas novas formas de trabalhar a realidade por meio da ficção na contemporaneidade, representa os ângulos do conceito neoliberal, observando suas concepções políticas-econômicas e entendendo, simultaneamente, os dispositivos sociais arquitetados, bem como as facetas subjetivas encontradas na classe média nacional.

No romance, "Luxúria" de Fernando Bonassi, realizamos uma análise crítica da representação estética e ideológica, respectivamente. Intercalamos teorias neoliberais da organização e das identidades contemporâneas ao estudo da obra. Por conseguinte, acreditamos ter verificado neste texto literário uma denúncia às relações sociais do sujeito na internalização dos mecanismos capitais de Estado.

Desse modo, encontramos nessa narrativa um enredo pautado em questionar a ideia de progresso contínuo a partir da problematização das políticas de financiamento, das gestões públicas e do controle de Estado nas instituições privadas. Através dos personagens, fundamentalmente, na figura do "homem de que se trata o relato", sujeito que esvaiu da sua autonomia devido à corrente de dívidas. Em outra perspectiva temos, por exemplo, as questões psicossociais da família geradas pela interiorização das adversidades apresentadas no ambiente. Assim, o romance é uma representação de como o contexto econômico reverbera não apenas na vida material das pessoas, mas também de como afeta ideias e percepções.

Por fim, dispomos de um possível desenvolvimento mais detalhado dessa pesquisa em outro momento, haja vista que, tratamos de um tema complexo, atual e pouco debatido, bem como uma obra que carece de resenhas que explorem essa abordagem.

REFERÊNCIAS

BONASSI, Fernando. **Luxúria**. 1. ed. Record, Rio de Janeiro: 2015.

BRAGA, RUY. Terra em transe: o fim do lulismo e o retorno da luta de classes. In: SINGER, ANDRÉ; LOREIRO, ISABEL (orgs). **As contradições do lulismo**: a que ponto chegamos? São Paulo: Boitempo, 2016.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de Teoria e História Literária. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro: 2008.

DALCASTAGNÉ, R. **Um território contestado**: literatura brasileira contemporânea e novas vozes sociais. Disponível em: <https://iberical.sorbonne-universite.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf> Acesso em: 29 de abril de 2021.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. Boitempo editorial, São Paulo: 2015.

DUNKER, Chistian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Chistian. **Ética e pós-verdade**. Dublinense, Porto Alegre: 2017.

FRANCO, Renato. **Itinerário político do romance pós-64: A festa**. Editora Unesp, São Paulo: 1998.

FUKS, Julián. A era da pós-ficção: notas sobre a insuficiência da fabulação no romance contemporâneo. In: DUNKER, Chistian. **Ética e pós-verdade**. Dublinense, Porto Alegre: 2017.

LÍSIAS, Ricardo. Dez fragmentos sobre a literatura contemporânea no Brasil e na Argentina ou de como os patetas sempre adoram o discurso de poder. In: TELES, E.; SAFATLE, V. **O que resta da ditadura**: a exceção brasileira. Boitempo, São Paulo: 2010.

Loh, J. and Hu, G. (2014), "Subdued by the system: Neoliberalism and the beginning teacher", Teaching and Teacher Education, Vol. 41, pp. 13-21.

NEGRI, Antonio; MICHAEL, Hardt. **Declaração** – isto não é um manifesto. 2. Ed. São Paulo: n-1edições, 2014.

PETEADO, C.; CRUZ, B. **A germinação do empreendedor do Brasil contemporâneo**: o neoliberalismo visto sob o contexto nacional recente. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/12815> Acesso em: 05 de maio de 2021.

Schøllhammer, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2009.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso**: da escravidão à Lava Jato. Leya, Rio de Janeiro: 2017.

TEZZA, Cristovão. A ética da ficção. In: DUNKER, Chistian. **Ética e pós-verdade**. Dublinense, Porto Alegre: 2017.

VLADIMIR, Safatle. **Só mais um esforço**. Três Estrelas; 1ª edição, 2017.

ZORDAN, Paola Basso Menna Barreto Gomes; SILVA, Marcio Tascheto da. Figuras da crise: cidades e educação. **Revista Brasileira de Educação**, v. 23, 2018.